

Abertura da reunião, com citação de Sarney.

"O Plano Baker é o reconhecimento de uma tese nossa, de que com as produções tradicionais e sem outros enfoques e outras soluções é impossível pagar a dívida externa".

Foi o que disse o presidente do Uruguai, Julio Sanguinetti, na cerimônia de abertura da 4ª reunião do Grupo de Cartagena, ontem em Montevideu. Num outro momento de seu improvisado discurso, Sanguinetti lembrou "uma feliz expressão do presidente Sarney: Não pagaremos a dívida com a fome de nosso povo".

O presidente uruguaio destacou a importância do Grupo de Cartagena, dizendo que no escasso período de sua existência esse organismo já conquistou um espaço político importante e se transformou num interlocutor importante dos países credores.

Na abertura das sessões, que serão secretas e deverão produzir um documento conjunto dos países participantes, era possível perceber entre as principais delegações presentes uma posição comum de séria preocupação com o agravamento do problema da dívida externa do continente.

Preocupação

Entrevistado rapidamente minutos antes de entrar na sala de conferências, o chanceler argentino, Dante Caputo, comentou: "Começamos este encontro preocupados com a evolução da América Latina, que durante 1985 vai crescer zero, ou seja, não vai crescer. Uma América Latina que neste ano terá transferido ao Exterior, líquidos, US\$ 32 bilhões a mais que no ano passado. Uma América Latina que é democrática mas que necessita crescer para continuar sendo democrática. Uma América Latina com governos sérios, responsáveis, preocupados em fazer os reclamos e as propostas que consideramos necessárias para sair dessa situação".

Apesar dessa posição, Caputo disse que não é contrário às transferências de recursos para os países ricos. "Não se trata de condenar as transferências", comentou o chanceler argentino. "Não é um problema de condenações. O tema é demasiado sério para se fazer retórica. Acreditamos que Cartagena já cumpriu várias etapas e a próxima deve ser de natureza distinta. Sugiro que nesta reunião em Montevideu se proponha um plano muito específico, de emergência, porque não podemos esperar que a economia mundial se ajuste para solucionar nossos problemas."

Dante Caputo aproveitou a oportunidade para marcar a posição de seu governo diante da questão: "Nós, latino-americanos, estamos pagando os desequilíbrios da economia mundial. É inadmissível, inaceitável, que os países do Sul continuemos pagando o desenvolvimento do Norte".

Por sua vez, o ministro da Economia do Peru, Luiz Alva Castro, comentou: "Concordo que o momento é de especial dificuldade. E por isso o presidente Alan Garcia está interessado num avanço dinâmico do Grupo de Cartagena".

Castro não especificou o significado exato de suas palavras, mas um de seus assessores revelou que a delegação peruana irá sugerir uma reunião entre presidentes latino-americanos para debater a questão da dívida. Essa reunião em princípio seria realizada em 1986, no Panamá.

Já o chanceler do México, Bernardo Sepúlveda, lembrou um outro aspecto do problema: "Há um fato grave no continente, que é a situação da América Central, hoje próxima da explosão. Uma situação bélica na Nicarágua teria repercussões imprevisíveis no continente. Por causa dessa gravidade é que organizamos uma reunião paralela do Grupo de Contadora, que talvez comece a funcionar imediatamente aqui em Montevideu", disse Sepúlveda.

Hugo Martinez, enviado especial.